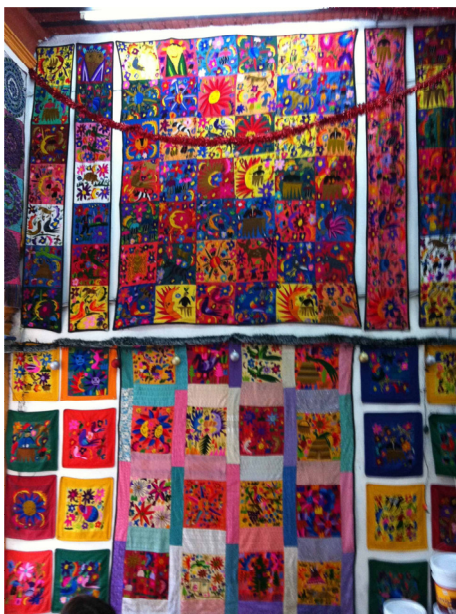


**Editorial****“A complexidade é um problema,  
é um desafio e não uma resposta”<sup>1</sup>**

**E**sta desafiadora afirmação de Edgar Morin abre a edição de nº 31, do mês de abril, e incita reflexão sobre um tema, iniciado na edição anterior, que diz respeito à vida e ao envelhecimento – a complexidade.



São muitos os autores que usam a expressão para indicar as múltiplas faces do processo do ciclo vital humano, que não pode ser compreendido sob pontos de vista restritos. A abertura e articulação entre conhecimentos de diferentes áreas de saber são fundamentais para lançar um olhar “despreconceituado” sobre a vida em plenitude.

O mesmo autor esclarece que o termo *complexus* significa “o que está ligado, o que está tecido”, mas a trama de fios não é uniforme, pois utilizamos, metaforicamente, a imagem de um tecido “bricolado”, ou seja, construído por mãos humanas a partir de restos. O conhecimento sobre o planeta, a vida e o homem são os fios de cores e estruturas mais fortes, mas os outros que os sustentam muitas vezes estão frouxos, com nós aparentes, com pontas a se soltarem...

Olhando de perto vemos a fragilidade do tecido, uma desordem entre forte e fraco, o que sustenta e o que se perde.

Como a complexidade reconhece a parcela inevitável de desordem e da eventualidade em todas as coisas, ela reconhece a parcela inevitável de incerteza no conhecimento. É o fim do saber absoluto e total. A complexidade repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de “tecido” e sobre a incerteza. (p. 554)

Esse é o desafio da Gerontologia Social, que busca a ampliação e integração dos saberes e ações. Para que o movimento “pulsátil” se concretize é

---

<sup>1</sup> Morin, Edgar. *A Religação dos saberes. O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 2001, p. 559.

necessário separar e distinguir, mas reunir e juntar, pois “o princípio de ordem não morreu, é preciso integrá-lo na dialógica ordem-desordem-organização” (p. 554).

A **Revista Portal de Divulgação** e o **Portal do Envelhecimento** procuram partilhar com seus leitores a complexidade de seres e saberes, desafio de abertura e democratização do conhecimento, no contexto da sociedade múltipla e informatizada globalmente.

Busca o desafio da construção de saberes em processo tendo consciência de que “se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes, buscar, portanto, um conhecimento complexo” (p. 566).

Pode parecer pretensão exagerada, mas temos consciência dos limites desse movimento o que, no entanto, não paralisa, mas impulsiona. Como as gotas de água enchem um copo, como riachos transformam-se em rios caudalosos após as chuvas intensas, assim consideramos esse movimento. Ainda que pensemos apenas no copo. Cheio de água, gota a gota, mata a sede, salva uma vida.

A complexidade se mostra nesta edição, na qual temas variados se apresentam e nos fazem refletir... Uma gota.

O artigo *Análise dos fatores de risco associados a quedas de idosos no domicílio* coloca em questão uma das ocorrências mais frequentes da fragilização das pessoas idosas. Seria decorrência de uma fragilidade óssea e muscular já estabelecida, da perda de equilíbrio, e por fatores ligados à inadequação dos espaços físicos, domiciliares e urbanos. A queda, que ocorreria em decorrência de um ou mais fatores, ocasiona maior fragilização física e psicológica, pois causa um “trauma” no idoso, gerando medo, perda da autoestima e, muitas vezes, reclusão.

Segundo as autoras, no estudo desenvolvido no município de Picos (PI), dos 102 idosos que relataram quedas, a maioria eram mulheres, e o lugar mais frequente foi o ambiente familiar; o medo de cair novamente é sempre recorrente.

O tema, no contexto dos cuidados preventivos, indica a complexidade referida, como mostra o trecho conclusivo do trabalho:

Os efeitos da diminuição natural do desempenho dos idosos e o risco de quedas seriam atenuados se fossem desenvolvidos programas de atenção à saúde que visem à melhoria das capacidades motoras, alcançando de igual forma melhora dos aspectos psicossociais. Essas medidas implicam uma abordagem multidimensional, o que somente é possível a partir da ação integrada e especializada de uma equipe interdisciplinar.

A necessidade de equipe multidisciplinar, com atitude interdisciplinar, fica clara em *Reabilitação implanto-suportada em paciente idosa com Doença de Alzheimer – relato de caso clínico*. Os autores, colaboradores assíduos da Revista Portal de Divulgação, reafirmam o compromisso na atenção global ante as muitas dificuldades no atendimento odontogeriatrico, incluindo os mais fragilizados pelo Alzheimer, como no caso relatado.

Novo endereço. Nesta manhã, ela acorda voltada para o velho criado-mudo, única peça que podia levar. Em cima, a Nossa Senhora em pedra branca que a acompanha desde menina, a toalhinha bordada. No porta-retrato, o sorriso de toda a família debaixo da jabuticabeira. O terço, os óculos, gotas para olhos que lacrimejam, um copo de chá. Alimento e lembrança. Um resumo de si mesma. As coisas essenciais sobre um criado-mudo, que serve, conta e diz.

A comovente epígrafe apresenta o artigo *Criados-mudos que falam*, no qual a autora relata um trabalho sensível e diferenciado em Instituições de Longa Permanência para idosos (ILPIs). Ao final da vida resta, para muitos, apenas uma peça, o criado-mudo, como “apoio”, no sentido amplo da palavra, com alguns escassos objetos que lembram outras histórias, como restos de identidades flutuantes, a confirmar que existiram a casa, família e ilusões. O criado-mudo vazio indica a desesperança, o não ser.

Apresentamos três artigos que abordam o tema envelhecimento centrado nas fragilidades, não apenas como constatação, mas projetando ações familiares, profissionais e de políticas públicas, que proporcionam um envelhecimento de melhor qualidade.

Mas existe a velhice participativa, realidade para muitos, para a qual surgem outras questões, indicando a complexidade do longeviver, como fato único e subjetivo, possibilidades discutidas em o *Idoso: um ser (sexualmente) ativo no filme “Alguém tem que ceder”*.

As autoras analisam como é possível, utilizando um filme, “desmistificar a questão da sexualidade na velhice, buscando embasamento na compreensão de como se dá o processo de percepção do sexual nos diferentes estágios da vida, e como o meio biopsicossocial influi na aceitação do sexo como algo natural – ou não – nos indivíduos com mais de 60 anos”.

O filme, atividade de caráter lúdico, seria mobilizador na discussão de temas relevantes, diversas vezes vistos preconceituosamente em relação à fase do envelhecimento.

Assistir ao filme e ler a análise proposta no artigo são bons exercícios de reflexão, atitude rara na pressa contínua e frenética de nossos dias, e que

apresenta outras faces do envelhecimento. Atitude produtiva e análise crítica da questão do envelhecimento são encontradas em *O Futuro do Passado*, escrito por um professor na faixa dos 60 e +. Afirma em um dos trechos:

O futuro dizemos que não é nosso porque depende de circunstâncias múltiplas que escapam à nossa decisão. Por outro lado, não devemos considerá-lo totalmente estranho, como se não pudéssemos influir sobre ele, como se tudo fosse imposto desde fora de nós mesmos. [...] Aceitando isto estaríamos anulando completamente nossa liberdade.

“Tomar a vida nas próprias mãos”<sup>2</sup> é a aposta daqueles que não abrem mão de suas crenças e escolhas, da liberdade de construir e se reconstruir continuamente, enfrentando desafios e não buscando respostas prontas.

Questões igualmente contempladas na entrevista concedida pela professora *Suzana Carielo da Fonseca*, na qual aborda uma trajetória de escolhas, que implicaram abertura e mudanças que a levaram à coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Centrando-se na escolha, em liberdade, pela Gerontologia Social, afirma como definidor:

O compromisso com uma reflexão na qual o problema atual da longevidade humana seja abordado pela via do reconhecimento de que velhos são sujeitos com possibilidades de subverter e transformar valores e modos de vida que, social e culturalmente, lhes são impostos.

Sujeitos com possibilidades. Sujeitos de si. Que fazem escolhas com consciência e liberdade, mas suficientemente empoderados para voltar atrás, rever e refazer, como se lê na crônica *É hora de parar*.

Liberdade de escolhas ao longo da vida e suas consequências positivas e negativas são o mote do livro *Nas tuas mãos*, aqui resenhado. Escolhas amorosas, ideológicas, profissionais em tempos difíceis, na sociedade portuguesa, para três mulheres de gerações diferentes que, por meio da escrita: diários e cartas, comunicam-se indiretamente na busca de um sentido

---

<sup>2</sup> *Tomar a vida nas próprias mãos*. Gudrun Burkhard (São Paulo: Antroposófica, 2000) analisa a evolução biográfica, dividida em setênios, segundo a perspectiva antroposófica. Antroposofia, “sabedoria acerca do ser humano”, vê o homem como uma entidade integrada aos reinos mineral, animal e ao próprio Cosmo; um dos pressupostos nessa abordagem é que as organizações, formadas basicamente por indivíduos são também entidades vivas, com pensamentos, sentimentos e vontade e, como pessoas, têm a possibilidade de crescer, desenvolver-se e realizar seus potenciais. Essa “ciência humanística” foi elaborada por Rudolf Steiner, cientista, pensador e educador austríaco que faleceu em 1925. Aponta para uma visão integrada entre o ser humano e a natureza; com a família (o povo) e amigos; com o mundo espiritual – religiosidade (a nosso ver, espiritualidade é um termo mais abrangente). O trabalho biográfico leva a entender o passado e integrá-lo no presente com vistas ao futuro. Integrar os lados bons, de luz, e os maus, de sombra; o que é próprio da sua idade; o que é só seu (individualidade), e perceber o que se repete.



para a vida. A narrativa do ciclo (auto)biográfico refaz caminhos, atualiza as histórias, promove a reconciliação com o passado e, por verdadeira e bela, nos comove.

Gotas d'água...

Boa leitura!

*Beltrina Côrte e Vera Brandão*  
Editoras